

Carlos Alberto Donaduzzi¹

Aqui e lá: fotografias de um mundo hiperconectado

Here and there: photographs about
the hyperconnected world

Aquí y Allá: fotografías de un mundo
hiperconectado

Resumo

Esse ensaio possui como base a apresentação da série autoral de fotografias "Aqui e lá", realizada através de chamadas de vídeo. A intenção dessa produção poética e do texto que a acompanha é de analisar a ideia de um modo de existência virtual, de uma sociedade cada vez mais dependente de telas e imagens e, o papel da tecnologia nesse contexto.

Palavras-chave: Fotografia. Hiperconexão. Isolamento. Tecnologia.

Abstract

This essay is based on the presentation of the series of photographs made through video calls "Here e There". The intention of this poetic and text is to analyze the perception of a virtual mode of existence. The study proposes a critical analysis of the society increasingly dependent on screens and images and the role of technology in this context.

Key-words: Photography. Hyperconnectivity. Isolation. Technology.

Resumen

Este ensayo se basa en la presentación de la serie de fotografías realizada mediante videollamadas "Aquí y allá". La intención de esta producción es analizar la percepción de un modo de existencia virtual, de una sociedad cada vez más dependiente de las pantallas e imágenes y el papel de la tecnología en este contexto.

Palabras clave: Fotografía. Hiperconexión. Aislamiento. Tecnología.

¹Fotógrafo - Artista Visual. Doutorando em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Prática artística em fotografia, atualmente buscando discutir sobre o paradoxo real/virtual. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4795822282876222> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4044-8259> E-mail: dzzcarlos@gmail.com

Estamos todos sozinhos agora. Estamos todos separados, presos dentro das paredes de nossas próprias casas, a versão do século 21 do anacoreta medieval. A cidade fervilhante está trancada, ou em breve estará. O distanciamento social é vital, mas isso não é fácil. Um dos custos inevitáveis será o aumento da nossa solidão. (LAING, 2020, tradução nossa)¹

No dia 13 de março de 2020 foi anunciado o início da quarentena na cidade de Santa Maria – RS, local onde estava quando os números relativos ao contágio do novo coronavírus (COVID-19) começavam a aumentar em todo o Brasil. A partir desse dia, apenas serviços essenciais passaram a funcionar e talvez esse tenha sido o primeiro e único período onde a grande maioria da população brasileira acatou aos pedidos dos órgãos de saúde para permanecerem em suas casas.

Aos poucos, nosso vocabulário e hábitos diários começaram a sofrer adaptações. Do surto inicial que acabou com os papéis higiênicos até os primeiros e depois rotineiros usos das máscaras em locais públicos. Isolados, passamos a viver dentro das novas condições que o mundo nos indicava. A vida em aparente suspensão, as horas passando lentamente e tudo quase sempre igual dos dois lados das janelas.

Não saí de casa por 45 dias. Nos primeiros dias não consegui fazer nada além do que ler notícias sobre a pandemia e depois, conforme a compreensão de que a realidade não voltaria a ser como antes mesmo que um, dois ou três meses se passassem, desliguei o despertador do meu telefone e passei a tentar me desprender dos horários e dos nomes dos dias. Assim, após alguns nasceres e pores do sol, e depois de tanto olhar para as mesmas paredes, móveis, eletrodomésticos e cômodos da casa, comecei a fotografar os movimentos das cortinas quando o vento soprava sobre elas, as luzes geométricas do sol que desenhavam as paredes, a cama desarrumada após o amanhecer e a xícara com o café de cada dia, mas sempre em ângulos diferentes, tentando buscar uma nova visão do mesmo.

Passei a pensar sobre o ato fotográfico, de como um trabalho pode ser alterado, influenciado ou ressignificado por um isolamento necessário. Fiz alguns experimentos, fotografei cenas de isolamento a partir do Google Street View² procurando nas imagens disponibilizadas pela plataforma, sem me preocupar se elas falavam sobre o mundo pré ou durante a pandemia, pessoas solitárias em cidades e países para pensar como seria continuar fotografando sem poder sair de casa nesse “novo normal”. Pensei que talvez essa fosse uma maneira de continuar a minha pesquisa em fotografia. Dentro de casa e substituindo a câmera por capturas de tela.

Nesse período, desde março, passei a notar com bastante frequência postagens em redes sociais e artigos em jornais e revistas que se utilizavam direta ou indiretamente de imagens de obras de Edward Hopper para falar sobre os sentimentos que passaram a aflorar em muitas pessoas a partir do início do isolamento. Muitas

¹ No original: “We’re all lonely now. We’re all cut off from each other, trapped inside the walls of our own domestic space, the 21st-century version of the medieval anchorite. The seething city is on lockdown, or soon to be. Social distancing is vital, but that doesn’t make it easy. One of the inevitable costs will be an increase in our loneliness.” (LAING, 2020).

² PERASOLO, João. Fótografo captura imagens de casa para projetar mundo em quarentena. Folha de São Paulo, São Paulo - SP, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/06/de-casa-fotografo-captura-imagens-em-tablet-para-projetar-mundo-em-quarentena.shtml>. Acesso em: 7 jun. 2020.

dessas postagens diziam que agora estávamos todos vivendo dentro de suas pinturas, sozinhos ou acompanhados, entediados e olhando o mundo por através das janelas. Em muitos desses relatos percebi conexões com o que eu havia fotografado e escrito sobre silêncio, solidão e hiperconexão na pesquisa iniciada em 2016 no doutorado em Artes visuais³, ainda que nesse novo contexto, os assuntos possuíam como plano de fundo o cenário da pandemia e como ela está impactando nos modos de vida das pessoas em diferentes lugares do mundo.

Um desses textos foi o artigo “How to be lonely” (Como ser solitário)⁴, 2020, da escritora Olivia Laing, que trazia acompanhado das palavras uma imagem da obra “Nightwalks” (Falcões da noite), 1942, de Hopper. Para a autora, esse óleo sobre tela “encapsula a solidão urbana” (LAING, 2020, tradução nossa)⁵ ao mostrar uma ideia de solidão e isolamento social alienante dentro da multidão de uma grande cidade. Agora, para ela, a atualização para o momento de quarentena e ilustrado através da citação de uma versão contemporânea, modelada em 3D, monocromática e sem personagens de “Nightwalks”, o distanciamento social necessário tende a aumentar de maneira significativa os sentimentos de solidão e restringi-los cada vez mais aos limites das casas de cada um.

Como afirma a pesquisadora Carolina Aguiar, sobre essa reconfiguração que a pandemia trouxe, “... a mediação entre a casa e o mundo exterior passou a ser feita predominantemente por meio de telas e de recursos digitais.” (2020). O trabalho, as aulas, os encontros entre amigos e tantas outras ocasiões foram absorvidas e virtualizadas pela tecnologia. Os aparelhos eletrônicos, as redes sociais e os mundos artificiais que eles permitem acessar, ainda que úteis em vários aspectos nesse momento de distanciamento, passaram também a preencher ainda mais os instantes de intimidade, mediando falas, olhares e nos fazendo ficar e passar os dias diante de telas e atentos as notificações que distraem a nossa atenção.

Até março de 2020 escrevi na tese que desenvolvo sobre a ideia de isolamento do sujeito em si. Alguém que desloca o seu viver preferencialmente para o mundo virtual e online, com avatares, curtidas e seguidores em detrimento ao mundo que fica além da porta de sua casa, aquele com contato nos olhos e em pele com outras pessoas. Chamei esse modo de vida de solidão hiperconectada e ao tentar mostrar os seus exageros através de encenações em formato de fotografias, busquei abordar assuntos que extrapolassem o campo artístico, como as armadilhas tecnológicas⁶ criadas pelas redes sociais para nos mantermos online, assim como os seus efeitos

³ Silêncio e solidão: fotografias de um mundo hiperconectado. Resumo: O trabalho propõe uma reflexão sobre minha produção poética em fotografia desenvolvida no doutorado em Artes Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS). A tese parte da percepção de um mundo cada vez mais online e virtual, com relações pessoais mediadas por imagens e aparelhos. “Silêncio e solidão: fotografias de um mundo hiperconectado” é constituída de séries de fotografias de quadro-vivo e experimentos de expansão da imagem imóvel para a imagem em movimento que possuem como referencial artístico inicial a obra de Edward Hopper. Assim, propõe-se através dessa poética e de sua análise crítica uma discussão sobre silêncio e solidão na sociedade contemporânea, onde discute-se o papel da tecnologia e das redes sociais nesse contexto de hiperconexão.

⁴ LAING, Olivia. How to be lonely. The New York Times, [S. l.], 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/19/opinion/coronavirus-loneliness.html>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

⁵ No original: “encapsulates urban loneliness” (LAING, 2020).

⁶ “O algoritmo tenta capturar os parâmetros perfeitos para manipular um cérebro, que, por sua vez, muda em resposta aos experimentos do algoritmo para buscar significados mais profundos; é um jogo de gato e rato baseado em pura matemática. Como os estímulos do algoritmo não significam nada e são verdadeiramente aleatórios, o cérebro não está se adaptando a nada real, mas a uma ficção. Esse processo — de ser fígado por uma miragem imprecisa — é o vício.” (LANIER, 2018, p. 10)

psicológicos e o papel da fotografia nesse mundo soterrado de imagens como menciona Joan Fontcuberta:

... uma poluição icônica que por um lado vem sendo implementada pelo desenvolvimento de novos dispositivos de captação visual e por outro lado, pela enorme proliferação de câmeras – seja como aparelhos autônomos ou incorporados a telefones móveis, webcams e dispositivos de vigilância. Isto nos imerge num mundo saturado de imagens: vivemos na imagem e a imagem vive e nos faz viver. (FONTCUBERTA, 2011)

Essas imagens que nos alimentam sem matar nossa fome, pois seus efeitos são breves, conectam esses dois mundos, o a céu aberto (DUNKER, 2017) e o virtual. O mundo dito real torna-se um ambiente de captura de imagens e um meio de passagem para o virtual, que se sobrepõe em importância, tornando-se o espaço onde essas imagens são distribuídas e consumidas. Os dispositivos eletrônicos – que permitem atravessar para o outro lado – tornam-se imprescindíveis e os sujeitos dependentes de suas funções.

Porém, com a chegada da pandemia as ações cotidianas precisaram ser adaptadas e enquanto eu buscava e tentava falar sobre a desconexão, tudo virou conectividade. Chamadas em vídeo, lives, TV, celular, computador e olhos cada vez mais em direção as telas. Passamos a pular de um aparelho para outro enquanto suas baterias esvaziam no meio de reuniões com falhas de áudio e vídeo, conexões lentas e pausas incompreensíveis. Passamos a conhecer fragmentos da intimidade de desconhecidos através de imagens pixeladas de suas casas que mostram principalmente os tetos de seus quartos, salas, escritórios e cortam seus pescoços em enquadramentos precários e muitas vezes trêmulos.

Desses momentos, comecei a pensar sobre as maneiras de convívio que essas situações impõem, os encontros e as relações entre as pessoas nesse novo normal que nos impede de sair de casa. A partir desse pensamento, marquei previamente com algumas pessoas que de perto ou longe encontram-se todas unificadas pela distância imposta pela pandemia e as fotografei durante pequenos encontros por chamadas de vídeo realizadas através de plataformas como o FaceTime e o Google Meet. De casa, em Santa Maria – RS, encontrei, conversei e fotografei pessoas da mesma cidade, de São Sepé e Porto Alegre, também no Rio Grande do Sul, Curitiba – PR, São Paulo – SP, Aveiro – Portugal e Los Angeles – EUA e ainda, como último registro, realizei um autorretrato. Chamei esse conjunto de 8 fotografias de “Aqui e lá” (Figuras 1 a 8), uma série sobre estar perto e longe.



Fig. 1 - Carlos Donaduzzi, Jéssica Oliveira – São Sepé/RS, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 25 cm, 2020.



Fig. 2 - Carlos Donaduzzi, Emanuel Monteiro – Curitiba/PR, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 25 cm, 2020.



Fig. 3 - Carlos Donaduzzi, Mariana Feistauer – São Paulo/SP, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 27 cm, 2020



Fig. 4 - Carlos Donaduzzi, Valéria Boelter – Aveiro/Portugal, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 25 cm, 2020.



Fig. 5 - Carlos Donaduzzi, Luiggi Genaro – Los Angeles/Estados Unidos, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 25 cm, 2020.



Fig. 6 - Carlos Donaduzzi, Ronaldo Palma – Santa Maria/RS, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 32 x 32 cm, 2020.



Fig. 7 - Carlos Donaduzzi, Autorretrato, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 29 cm, 2020.



Fig. 8 - Carlos Donaduzzi, Elias Maroso – Porto Alegre/RS, Fotografia, Impressão pigmento mineral sobre papel luster, 38 x 27 cm, 2020.

Do lado de cá construí cenários que dialogassem e completassem os momentos a serem registrados, deslocando as telas de TV, smartphone e tablet para as posições onde possivelmente estariam essas pessoas – as do lado de lá –, se estivéssemos nos mesmos ambientes. Com a intenção de criar em cada fotografia a ideia de espelhamento, onde presenças virtuais se tornassem físicas dentro das possibilidades de se imaginar aparelhos eletrônicos substituindo corpos ausentes, busquei durante o ato fotográfico me posicionar de maneira que pudesse capturar nas imagens os cruzamentos de olhares entre os dois lados das telas, evidenciando a barreira e o atravessamento desse limite físico.

O amanhecer na cama, uma conversa na sala, alguém escovando os dentes, uma refeição, uma música, um autorretrato e um café. “Como está a situação por aí?” foi a frase mais dita em todas as chamadas de vídeo. Busquei abranger cidades diferentes do Brasil e de outros países, e assim intitulei cada fotografia com o nome da pessoa fotografada e sua localização. As fotografias dessa série foram construídas a partir da concepção de quadro-vivo⁷, com cenários, iluminação artificial, encenação de momentos cotidianos e a realidade como base para criar ficções. Ainda assim, este é um trabalho sobre as pessoas, as possíveis interações entre elas e as novas formas de estar presente nesse momento de pandemia.

As telas que aparecem em cada uma das fotografias foram utilizadas com a ideia de amplificar a percepção de que muitas das interações diárias que mantemos há alguns anos já extrapolam a presença física. Por esse motivo, desloquei os aparelhos para diferentes ambientes, para falar sobre uma falsa proximidade que a conectividade aparenta indicar. Queria ver e fotografar as pessoas através das molduras das telas, pois essas nos mostram a distância e artificialidade das interações.

Para seguir esse pensamento, ao fotografar o autorretrato que faz parte dessa série, me posicionei sentado diante de uma televisão que cobre meu rosto, ao mesmo tempo que sua tela mostra uma imagem das minhas costas, como se meu eu de dentro dessa tela estivesse olhando o meu eu que está sentado diante dela. Preso em e entre telas.

Busca-se com essas fotografias propor uma visão sobre hiperconectividade, solidão, isolamento e distanciamento que a pandemia nos impôs. E, pensar sobre o papel da tecnologia nesse contexto, pois como pergunta Olivia Laing em “A cidade solitária: aventuras na arte de estar sozinho”, a tecnologia nos “...aproxima mais um do outro ou nos prende atrás de telas?” (2017, l. 13).

Para Laing, as pessoas passaram a compreender as máquinas, principalmente a partir da popularização dos aparelhos de televisão, como algo capaz de “preencher um espaço emocional vazio” (LAING, 2017, l. 69). A TV tornara-se uma companhia, ver algo ou ouvir alguma voz que permita burlar o silêncio da solidão. Seguindo esse pensamento, pode-se dizer que o fascínio pelas telas que notamos nos dias atuais pode ser uma expansão da percepção das “habilidades mediadoras das máquinas” (LAING, 2017, l. 69), pois desde a popularização da televisão muitas pessoas passaram

⁷ “... fotografia de quadros (tableau photography) ou de quadros-vivos (tableau-vivant photography), [...] a narrativa pictórica se concentra numa única imagem: a fotografia conta toda uma história.” (COTTON, 2010, p. 49).

a esconder-se atrás de telas, passando a encará-las como companhias ou instrumentos para a mediação de comunicação.

Agora, o apelo para as máquinas parece ainda maior. A impossibilidade de estar junto nesse período de pandemia, mesmo que a proximidade física não seja capaz de “dissipar uma sensação de isolamento interno” (LAING, 2017, l. 8), potencializa a ideia de utilizá-las como companheiras para a existência e isso tende a cada vez mais transferir a vida para a sua versão online e virtual.

Mas, será que tudo mudou tanto assim devido ao isolamento necessário da pandemia? Já não nos encontrávamos solitários, isolados e as vezes tentando substituir esse silêncio de alguma ausência pela a alienação de estar sempre com um smartphone conosco por todo lugar em que íamos?

Reclamamos de não poder sair de casa, mas antes disso quantos de nós saíamos e andávamos por aí no automático, robotizados, seguindo o caminho sem olhar para o lado, para o outro, sem reparar nas árvores e no vento que balança suas folhas? Talvez a sensação de suspensão e o impacto da pandemia seja maior porque muitos de nós percebemos que não aproveitamos ou que desperdiçamos parte do tempo que tivemos antes disso tudo.

Agora, dentro de casa, há tanto tempo “sobrando”, pois para muitos de nós os períodos de deslocamento para o trabalho ou outra atividade não existem mais, mesmo assim seguimos sem saber o que fazer com os segundos e minutos que se sucedem nos ponteiros dos relógios. Será que quando for possível abrir a porta para a rua e sair para respirar o ar sem máscaras vamos todos correr porta fora ou vamos parar diante de uma janela, fechar a cortina e olhar mais um pouco de TV ou assistir mais alguma coisa na Netflix enquanto deslizamos *feeds* intermináveis de redes sociais atrás de novidades do mundo lá fora?

Referências

AGUIAR, Carolina. A imagem entre a privatização do público e a publicização da intimidade. **Revista Cult**, São Paulo - SP, 27 ago. 2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-imagem-entre-a-privatizacao-do-publico-e-a-publicizacao-da-intimidade/>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu editora, 2017. e-book (paginação irregular)

FONTCUBERTA, Joan. **Por um manifesto pós-fotográfico** (Tradução: Gabriel Pereira). Studium 36, Campinas - SP, v. 36, p. 117-130, 1 jul. 2014. Disponível em: <https://www.studium.iar.unicamp.br/36/7/#_ftn1>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.

LAING, Olivia. **A Cidade Solitária: aventuras na arte de estar sozinho**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LAING, Olivia. How to be lonely. **The New York Times**, [S. l.], 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/19/opinion/coronavirus-loneliness.html>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

PERASOLO, João. Fotógrafo captura imagens de casa para projetar mundo em quarentena. **Folha de São Paulo**, São Paulo - SP, 6 jun. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/06/de-casa-fotografo-captura-imagens-em-tablet-para-projetar-mundo-em-quarentena.shtml>>. Acesso em: 7 jun. 2020.

Submetido em: 25/09/2020

Aceito em: 10/12/2020